



4.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)		PORTO—1 DE SETEMBRO DE 1880	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (ESTRANGEIRO)		N.º 11
	Trimestre.....	350 réis		Trimestre.....	600 réis	
	Semestre.....	700 >		Semestre.....	1200 >	
	Anno.....	13400 >		Anno.....	26400 >	
			ESCRITORIO — FERNANDES THOMAZ, 128			

A falta d'espaco obriga-nos a não illustrar este numero do nosso quinzenario do que pedimos vènia aos nossos estimaveis assignantes.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO

As festas com que a Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto festejou o primeiro lustro da sua existencia estiveram em verdade dignas do seu brio e do bom nome que aquella Associação até hoje tem sabido guardar e conservar.

No nosso dever de chronistas passamos a narrar detidamente taes festas que como é sabido se prolongaram de 25 a 29 do passado, cumprindo-se em tudo o programma já publicado e que de certo é do dominio dos nossos leitores.

DIA 25

Ao romper d'alva uma salva de 21 tiros annunciava a festiva commemoração ao passo que a banda marcial dos bombeiros voluntarios estrugia os ares com os sons festivos do hymno da associação, tocando ainda durante algum tempo no atrio da casa.

E em quanto se não realisa a sessão solemne visitemos a casa e suas dependencias onde se fizeram importantes melhoramentos a que forçoso é ligar o nome d'um dos mais dedicados socios e não menos dedicado bombeiro o sr. Joaquim Antonio de Moura Soeiro, fiscal da associação.

Transposta a larga porta que dá accessõ á escada sobe-se ao patamar onde se depara com tres reposteiros de fina flanela vermelha o da frente que veda a porta da sala das sessões apresenta as iniciaes B. V. P. sobrepostas pela coroa real, apreciavel trabalho devido ás esposas de dous dos mais devotados socios. Os dous reposteiros que ficam ás ilhargas da sala das sessões tem bordados os emblemas dos bombeiros. A escada que tinha anteriormente um aspecto feio e desagradavel apresenta-se elegante, pintada a escariola tendo

sido estucado o tecto e pendendo do mesmo um bonito candieiro.

Levantado o reposteiro da sala nobre vemos que está forrada a papel prateado, com flores de um verde escuro.

Sobre um estrado tapetado está disposta a meza da presidencia coberta de damasco tambem vermelho, e tres cadeiras de espaldar primorosamente trabalhadas, com estofõ do mesmo tecido, tendo a do centro as iniciaes B. V. P.

As janellas e portas estão guarnecidas com cortinas e resposteiros de res vermelho.

D'esta sala possa-se para a de recepção, que se acha luxosamente adornada com mobilia de pau preto de lindo gosto. O sophá e cadeiras respectivas são estofadas de res azul, e as cortinas e reposteiros de igual estofõ.

Cobre o chão um riquissimo tapete de Bruxellas.

Os *consoles* estão guarnecidos com jarras de fina porcellana, e em um d'elles vê-se um toucador de marmore, tendo na parte superior as insignias dos bombeiros, objecto na verdade de muito merecimento e que foi offerecido á associação.

As paredes d'esta sala são forradas a papel dourado, com bonitos ramos de um roxo claro sobre fundo *gris-perle*, e sobre uma d'ellas destaca-se um bonito espelho com moldura dourada, onde se vêem gravadas as armas reaes portuguezas. As restantes estão vestidas de lindos quadros em molduras tambem douradas, e do tecto pende um rico lustre de crystal.

Segue-se a sala destinada á conversa, que está guarnecida com mobilia de Vienna d'Austria, cortinas e reposteiros de *crétone*. As paredes são vestidas de papel escuro com listas azues e ramos, e guarnecidas de molduras douradas, com lindos desenhos.

Passa-se em seguida ao dormitorio, que contém cinco camas de ferro e respectivos tapetes, caixas de cabeceira cobertas com pannos de crochet, onde se vêem desenhados os emblemas dos bombeiros. Um grande lavatorio com duas bacias e mais apprestos, mezas etc. etc. tudo emfim que se torna necessario n'um quarto de dormir.

O papel que cobre as paredes é tambem de lindo effeito, e estas acham-se igualmente guarnecidas com quadros.

As cortinas e reposteiros são de juta cor de castanha.

Contiguo ao dormitório fica um gabinete para escrever, e que pôde servir igualmente de gabinete de leitura.

Está mobilado com muita decencia, tendo ao centro uma meza, cadeiras, etc, e uma estante envidraçada para livros. Os reposteiros e cortinas são de *juta* côr de café.

Entrando-se no corredor que principia ao sahir d'este aposento, encontra-se, á esquerda, o gabinete particular do commandante, luxosamente adornado a expensas suas.

Segue-se a secretaria, cujo soalho está coberto com um rico tapete de Bruxellas, cinzento. Os reposteiros e cortinas são de linho; a mobilia de nogueira, e do tecto pende um lustre de crystal.

Como o gabinete do commandante a sala da secretaria foi mobilada e adornada a expensas da direcção.

Quasi ao fim do corredor, e ainda ao lado esquerdo, está a arrecadação.

As salas são illuminadas a gaz, e em todas se vêem candelabros e lustrinas de crystal.

A mobilia da casa foi fornecida pelos srs. Antonio Luiz da Encarnação & Filhos.

Todas as salas tem campainhas electricas e são valiosos e importantes os donativos feitos no intento de apresentar uma каза digna da associação, por alguns associados.

E ao terminar a descripção dos melhoramentos effectuados na casa da associação dos Bombeiros voluntarios é de dever lembrar o nome do socio o sr. Alfredo Ferreira Dias Guimarães que se houve bisarramente no desempenho da commissão de que foi encarregado.

Cerca das 5 horas da tarde entrou no pateo do quartel a corporação de bombeiros villanovenses, trazendo á frente a banda de musica dos voluntarios. Esta corporação formou para receber os seus camaradas.

Pouco depois, chegou a corporação municipal d'incendios, d'esta cidade, trazendo também á frente a banda dos voluntarios.

Trocadas as continencias do estylo, as corporações formaram ao longo do pateo do quartel.

As 6 horas da tarde foi aberta a sessão solemne, a que presidiu o sr. José Teixeira da Silva Braga Junior, servindo de secretarios os srs. Eduardo José Alves e José da França Oliveira Pacheco.

O sr. presidente referiu-se á importancia da sociedade, aos serviços que tem dispensado, ás provações que tem atravessado, e elogiou os bombeiros Guilherme Gomes Fernandes, Arminio von Doellinger e João Ferreira Dias Guimarães Junior por, durante os cinco annos da existencia d'esta associação, não terem commettido uma unica falta.

O mesmo sr. presidente participou que não era possível inaugurar-se o retrato de sua magestade el-rei, na sala das sessões, em razão do artista encarregado de o executar não poder desempenhar-se do seu encargo com a urgencia precisa.

Depois de varias outras considerações, convidou os srs. Guilherme Fernandes, Arminio von Doellinger e João Ferreira a receberem os diplomas passados pela direcção, como recompensa pelo seu comportamento exemplar.

Este acto foi saudado com uma entusiastica salva de palmas.

O sr. secretario leu um officio do ministerio do reino, participando que sua magestade el-rei, por motivos superiores á sua vontade, não podia presidir á

sessão solemne do anniversario da instituição da associação dos bombeiros voluntarios.

Leu depois diversos officios e telegrammas das corporações de bombeiros voluntarios de Lisboa, Lamego, Guimarães, Guarda e Povoas de Varzim, participando que não podiam assistir á festa, e saudando a associação.

Aberta a sessão, fez uso da palavra o revd. Patricio, que fallou brillantemente sobre liberdade e associação. O seu discurso vae transcripto n'outro logar.

O sr. Firmino Pereira, nosso collega n'esta redacção, fallou da influencia benefica do trabalho, e citou os nomes dos bombeiros que mais se tem distinguido pelo seu valor e intrepidez, apontando entre os primeiros Thiago José Gonçalves, da corporação municipal d'esta cidade, e Simão da Costa, da de Gaya, o valente que tem salvado a vida a 43 pessoas.

O nosso collega da *Lucta*, o sr. Sousa Moreira, leu um discurso, exaltando a associação.

O sr. Anselmo Ferreira Duarte saudou também a associação, n'um pequeno mas eloquente discurso.

Por último, o sr. Guilherme Gomes Fernandes, agradeceu ás damas e cavalheiros presentes a honra que dispensaram á associação, e pediu aos seus camaradas que o coadjuvassem sempre para que a corporação que dirige fosse respeitada constantemente.

A sessão encerrou-se, erguendo-se entusiasticos vivas a el-rei, rainha, familia real, associações de bombeiros voluntarios e corporações de incendios do Porto e Gaya.

Foram também levantados vivas aos srs. Guilherme Fernandes e Eduardo Falcão. A' sessão assistiram muitas senhoras, auctoridades, direcção de diversas associações, etc.

Na occasião em que se distribuia o bodo, tocou a incendio, sabindo immediatamente a bomba e carro de material, com o piquete de serviço.

A casa e o pateo da associação estavam galhardamente enfeitados. O concurso do povo era immenso.

Os bombeiros voluntarios apresentaram-se com os seus capacetes de metal amarello. Foram fornecidos pela casa A. Thirion & C., de Paris. Alguns auxiliares estreadam os seus uniformes sérios e dignos e em muito semelhantes aos *raglans* e *kepis* dos officiaes generaes. São de panno azul com alamares pretos. O *kèpi* é igualmente de panno azul com as costuras avivadas com um cordão dourado. Nem profusão de côres nem de metaes.

A guarda d'honra era feita pelos bombeiros de Gaya e por porta machados da guarda municipal.

A' noite accendeu-se uma vistossissima illuminação no gosto da que vimos ha tempos por occasião das festas do centenario de Camões, no Palacio de Crystal. Grande numero de balões venezianos completavam a luzida festa. Todos os trabalhos foram feitos por alguns socios convido especialisar os srs. Soeiro e José Ribeiro de Freitas, isto sem querermos tomar em menos conta os importantes serviços de muitos.

No coreto tocou a banda marcial, sob a regencia do seu director o sr. José Lopes de Sousa Fructuoso, um trabalhador honesto e incansavel. Ao estado d'aperfeiçoamento a que levou a sua banda tem correspondido o favor publico, compensando-lhe amplamente os seus esforços e sacrificios.

Quando a corporação dos bombeiros municipaes de Gaya recolheu aos seus quartéis, acompanhou-a até á Ribeira a banda marcial dos Bombeiros Voluntarios.

DIA 26

Continuou em exposição a casa da associação e suas dependencias.

Pelas sete horas da tarde serviu-se em uma das salas do Palacio de Crystal, o jantar offerecido por alguns membros da corporação dos bombeiros voluntarios d'esta cidade, aos seus camaradas de fóra, que vieram assistir ás festas commemorativas do 5.º anniversario da sua instituição.

A sala onde foi servido o jantar, estava adornada com diversas plantas ornamentaes. Na meza disposta em fórma de ferradura, tomou o lugar de honra o sr. Guilherme Gomes Fernandes, tendo á sua direita o sr. inspector Falcão; Borges d'Avellar, jornalista; e Francisco Trepa, 1.º chefe da 2.ª esquadra dos bombeiros voluntarios de Santo Thyrsó; e á esquerda, o sr. Costa Santos, commandante da corporação de Bombeiros de Gaya; Antonio Ramos Pinto e Moura Soeiro, fiscal e 1.º patrão do carro de material dos voluntarios do Porto.

Defronte do sr. Guilherme Fernandes sentava-se o sr. Alberto Borges de Castro, vice presidente da assembleia geral da associação dos bombeiros voluntarios, tendo á direita o sr. Souza Magalhães, vice-presidente da direcção; Firmino Pereira, redactor do *Bombeiro Portuguez*, e Emygdio Veiga, 2.º chefe da 1.ª esquadra dos voluntarios de Santo Thyrsó, e á esquerda o sr. Thiago José Gonçalves, ajudante do inspector da companhia d'incendios; Eduardo de Sousa Pereira, 1.º patrão ajudante da corporação dos voluntarios, e José da França Pacheco, secretario da direcção.

Depois tomaram logares os bombeiros auxiliares e activos. Dos primeiros estavam os srs. Allen, Maia e Silva Junior e Costa Braga Junior.

O menu foi o seguinte:

Potages—A la Princesse, Perles au nizan.

Hors d'œuvre—Petites bouchées á l'Imperatrice.

Poisson—Á la normande.

Relevé—Filets de bœuf á la jardinière.

Entrées—Salmi de bécassine aux truffes. Mayonnaise de homard, Jambon glacé, Galantine de poule aux truffes.

Roti—Dindon truffé aux cressons.

Légumes—Asperges, sauce hollandaise.

Entremets—Pyramide de glace, pudding de cabinet, gâteaux montés.

Dessert—Fromage et fruits.

Vins—Sauterne, Bordeaux, Collares, Porto, Xerez, Madeira et Champagne.

Café et liqueurs.

Corridas as iguarias, levantou o primeiro brinde o sr. Guilherme Fernandes, brindando a el-rei, presidente honorario da associação.

Seguiram-se depois muitos brindes, que foram acolhidos com muito entusiasmo. Entre elles lembramos os seguintes:

Do sr. Borges de Castro, a sua magestade a rainha; do sr. Sousa Magalhães, á imprensa, e a Firmino Pereira, como representante do *Bombeiro Portuguez*; respondendo este que brindou pela confraternidade de bombeiros municipaes e voluntarios. Do sr. Guilherme Fernandes aos bombeiros voluntarios de Santo Thyrsó; do sr. Antonio Ramos Pinto á coragem e dedicação dos bombeiros voluntarios; do sr. Guilherme Fernandes ao sr. Borges de Avellar, respondendo este senhor, agra-

decendo; de Firmino Pereira aos srs. Costa Santos e Thiago José Gonçalves; do sr. Guilherme Fernandes, aos srs. Moura Soeiro e Sousa Pereira, etc., etc.

Entre os brindes que foram acolhidos com enthusiasmo avultam os feitos pelo sr. Guilherme Fernandes, ao valente cabo Simão, da companhia d'incendios de Gaya; do sr. Allen, ao sr. Cossoul, de Lisboa, de Firmino Pereira, ao sr. Arthur de Macedo, o dedicado facultativo dos bombeiros de Gaya; do sr. Fernandes, ao sr. Loureiro, ajudante da companhia municipal d'incendios, e outros mais ainda, que não é possível enumerar.

Trocaram-se depois diversos brindes e cumprimentos particulares.

O jantar terminou depois das 11 horas.

DIA 27

As circumstancias especiaes em que nos achamos inhibem-nos de podermos descrever a festa do Gil Vicente. Soccorremo-nos por isso do nosso bom collega da *Actualidade*, pedindo a devida venia pela transcripção.

«Luzido, e por todos os titulos interessante, esteve o sarau dramatico e de prestidigitación realiado antehomem á noite no elegante theatro Gil Vicente do Palacio de Crystal. N'aquelle recinto juntaram-se as familias mais distinctas d'esta cidade, para gosarem uma diversão attrahente, promovida por uma corporação benemerita e illustrada, que conta as sympathias de todos os portuenses.

Na galeria e na sala viam-se muitas senhoras, pon-do, com a belleza dos seus rostos e o deslumbramento das suas *toilettes*, uma nota de muita alegria n'aquella encantadora festa.

Grande numero de cavalheiros apresentou-se de casaca e gravata branca, ostentando na lapella da casaca o distinctivo de socios da benemerita associação.

Ás portas d'entrada, os bombeiros voluntarios devidamente uniformizados, faziam uma especie de guarda d'honra.

Nas galerias e na sala não havia um unico logar vasio; e muitas familias, receando não encontrar um sitio commodo, chegando mais tarde, aventuraram-se a ir para o Palacio uma hora antes de principiar o sarau.

Ás 8 horas e meia a orchestra da sociedade dramatica de amadores *Luz e Caridade*, que generosamente se prestou a abrilhantar a festa, executou o hymno dos bombeiros voluntarios, composição do sr. Douwens, intelligente director da banda de infantaria 10.

Terminado o hymno executou-se uma symphonia, sob a regencia do sr. Araujo Junior, que, ao depor a batuta foi muito applaudido e brindado com um bonito *bouquet*, d'onde pendiam duas excellentes fitas.

O sarau começou com a exhibição de diversos trabalhos de prestidigitación pelo sr. Eduardo Alves, um amator distincto, e um cavalheiro na legitima acção da palavra.

O sr. Alves, nas diversas sortes que exhibiu, mais uma vez ainda affirmou a sua pericia Trabalho com a destreza e a perfeição d'um verdadeiro artista, que realmente é.

Corrido um pequeno intervalo, o distincto prestidigitador apresentou um entretenimento curioso. No armario com que trabalha o habil artista mr. Nebours,

fechou um mono de palha, que tocava uma corneta e agitava uma campainha, que previamente fora collocada dentro do mesmo armario. Um Davenport de palha, com falo de *pierrot*, mascara de papelão, e sapatos de inverno!

Esta novidade provocou a gargalhada do publico, e com razão.

O sr. Alves, convidou um dos cavalheiros que subira ao palco para mais de perto examinar o armario, a entrar n'elle e ficar só, por instantes, em companhia do boneco. Satisfeito este pedido, e fechado o armario, travou-se uma lucta entre o mono e o individuo que estava em companhia d'elle, vendo-se distinctamente, por um dos oculos do armario, saltar o endiabrado boneco.

Este passatempo engraçadissimo divertiu muito o publico, que manifestou o seu agrado com uma salva de palmas.

O sr. Alves foi chamado ao proscenio, e brindado com muitos *bouquets*.

Representou-se depois a comedia do nosso collega do *Commercio Portuguez*, o sr. Borges de Avellar, intituloado *Uma aborragem*.

A comedia, sobre ser bem architectada, está elegantemente escripta; é uma producção muito delicada, propria para se representar n'uma sala.

O desempenho confiado á ex.^{ma} sr.^a D. Maria Pia da Cruz Almeida, e aos srs. Guilherme Fernandes, Ramos Pinto e Alfredo Ferreira Dias Guimarães, foi intelligente e distincto, como nem outra cousa se podia esperar de amadores tão illustrados.

A sr.^a D. Maria Pia da Cruz Almeida, que, na recita do anno passado, se relevou uma atriz de elevado merecimento na elegante comedia do sr. Maximiliano d'Azevedo—*Gostos não se discutem*, affirmou novamente o seu formosissimo talento, interpretando com distincção e intelligencia o seu papel. Disse muito bem, com muita naturalidade, satisfasendo com exactidão ás exigencias da arte.

A distinctissima amadora ostentava uma *toilette* deslumbrante, que mais lhe fazia realçar a sua belleza. Muito bem.

Guilherme Fernandes, o intrepido bombeiro que abi temos visto trabalhar com a dedicação dos nobres espiritos, o homem prestantissimo, um dos poucos que conta a nossa sociedade portuense, disse o seu papel com uma naturalidade admiravel, com o desassombro de quem conversa e quer dar toda a vida ás palavras que pronuncia. Parecia que estava em sua casa, muito á vontade narrando um acontecimento que achava curioso, e rindo-se d'elle. Perfeitamente.

O sr. Ramos Pinto desempenhou com perfeição e intelligencia o seu papel de tenente de marinha. Nem era dado esperar o contrario d'um amator tão distincto pela sua aprimorada educação.

O sr. Alfredo Ferreira disse muito bem o seu papel, revellando dotes apreciaveis para a scena e affirmando qualidades excellentes para desempenhar um papel de maior vulto.

Terminada a comedia, os distinctos amadores foram applaudidos com enthusiasmo, e repetidas vezes chamados ao proscenio, onde foram brindados com ricos *bouquets*.

O sr. Avellar, auctor da comedia, foi igualmente chamado ao proscenio e brindado com diversas prendas, ofertadas pelos amadores que interpretaram a sua mimosa producção.

O sr. Carlos d'Almeida desempenhou depois uma

scena comica escripta para apresentar diversas imitações.

O intelligente amator foi saudado com uma prolongada salva de palmas á sua appareição em scena.

As imitações que apresentou foram as dos actores Firmino, Abel, Polla e Rojas. A do actor Abel, foi bisada a pedido do publico.

O sr. Carlos d'Almeida, convidou um individuo qualquer a subir ao palco, promettendo imitar-lhe a a voz immediatamente. Subiu o sr. Lourenço de Magalhães, que recitou duas quadras d'um livro. O sr. Carlos d'Almeida imitou depois a voz d'aquelle cavalheiro com uma fidelidade pasmosa; se se retirasse para fóra da scena, e fallasse, ninguém diria qual era que fallava, se o sr. Magalhães se o sr. Almeida, tal é a fidelidade da imitação.

O publico applaudiu-o com calor, e sendo chamado ao proscenio, foi brindado com um bonito *bouquet*.

Seguidamente representou-se a comedia, n'um acto *A primeira nuvem* do nosso collega n'esta redacção, o sr. Firmino Pereira.

Não nos espraiaemos em grandes considerações relativamente ao merecimento d'esta composição theatral. Como companheiros do auctor na mesma casa de trabalho taxar-nos iam de parciaes. Limitar-nos-hemos, pois, a dizer que a comedia não prima pelo emmaranhado do enredo, que é d'uma alegre simplicidade, mas que em compensação está escripta n'um estylo elegantissimo, cheio de primores, que tiveram no decurso de tres quartos de hora o ouvido do espectador agradavelmente impressionado. O dialogo está magistralmente conduzido, sendo por ventura a qualidade mais apreciavel da comedia, pela naturalidade com que está escripto. *A primeira nuvem*, em summa, é uma lição de sã moralidade, um exemplo salutar para «casalinhos de fresco,» e incontestavelmente um incentivo para o exercicio de uma das mais santas virtudes — a caridade.

O desempenho d'esta comedia obteve um exito extraordinario por parte dos dois principaes personagens — a ex.^{ma} sr.^a D. Corinna da Cruz Fernandes e o sr. Antonio Rodrigues da Cruz.

Não somos exagerados na asseveração que fazemos ao leitor; não somos: especialmente a ex.^{ma} sr.^a D. Corinna, assombrou—assombrar é o termo—no modo como interpretou o papel que lhe foi distribuido, dando-se além d'isso a circumstancia notavel de que era a primeira vez que representava. Ao leitor, que não teve a ventura de assistir ao spectaculo, custará certamente a acreditar o que vamos dizer-lhe. E comtudo é a verdade inteira, indestructivel.

No Porto não temos actriz nenhuma capaz de supplantar a sr.^a D. Corinna Fernandes, no que lhe vimos ante-hontem fazer, nem sequer ao menos de a egualar; e em Lisboa só Emilia Adelaide, Carolina Falco e Rosa Damasceno dariam uma interpretação rigorosa ao papel de Adelia, que a esposa do sr. Guilherme Fernandes desempenhou com tanta nobreza e distincção.

As primeiras phrases proferidas pela sr.^a D. Corinna, a plateia comprehendeu desde logo que tinha na sua frente um talento privilegiado. D'ahi a momentos os bravos entusiasticos e as palmas calorosas irrompiam de todos os cantos da sala, repetindo-se estas ovações em varias situações da peça, que era por esse motivo a espaços interrompida.

É a estreia mais gloriosa a que temos assistido. A declamação magistral, a intençaõ e a intonação, a voz sonora e harmoniosa, todos os requesitos essenciaes,

emfim, de que carece uma grande actriz, tudo se encontra na sr.^a D. Corinna Fernandes, que teve inquestionavelmente as honras da noite, sendo chamada ao proscenio innumeraveis vezes e coberta de interminaveis applausos.

O sr. Antonio Cruz já tivemos occasião de lhe apreciar o seu talento. D'esta vez, porém, houve-se este senhor com uma grande distincção, pouco vulgar na generalidade dos nossos artistas. Possui muita naturalidade no dizer, não tem exageros nem pieguices, e o papel que lhe coube teve uma comprehensão profunda, sendo o talentoso interperetre tambem alvo de sinceros e repetidos applausos e egualmente no fim da peça chamado fóra.

O sr. Carlos d'Almeida teve um papel pequenissimo e sem importancia n'esta composição; ainda assim agradou a todos n'esse pouco e foi applaudido.

Na maneira por que *A primeira nuvem* foi representada, notou-se que o ensaiador era profundo na arte e que ao impulso da sua vara magica se deve a maior parte do exito obtido. O publico recebeu-o e chamando-o ao palco victoriou-o calorosamente.

O auctor teve tambem varias chamadas, sendo applaudido com enthusiasmo por todos os espectadores e brindado com um formoso bouquet, d'onde pendiam umas ricas fitas franjadas de oiro, pela redacção do *Bombeiro Portuguez*.

Os amadores foram egualmente brindados com ricos bouquets.

O espectáculo terminou com a chistosa scena comica, *Effeitos do vinho novo*, desempenhada com bastante graça, pelo sr. Carlos d'Almeida.

O intelligente amator foi muito applaudido e repetidas vezes chamado ao proscenio.

A orchestra que, como acima dissemos, era de amadores, executou o seguinte programma:

Hymno da Real Associação Bombeiros Voluntarios do Porto, A. F. Douwens, *Nabucodonosor*, symphonia, G. Verdi; *La petite reine*, suites de valeses, Metra; *Entre-acto 2.º*, Araujo Junior; *Ya-Ya*, polka offerecida ao bazar, M. Benjamin; *Havanaise*, A. Caldas.

O brilhante sarau terminou perto da 1 hora da noite, retirando-se todas as pessoas satisfeitas pelos momentos agradaveis que lhes proporcionou uma corporação tão distincta.

À porta do theatro tocou nos intervallos a banda de musica dos bombeiros voluntarios.

DIA 28

Exercicio e manobras d'incendio no pateo do Pa-raiso, ás 6 horas da tarde.

Assistiu o snr. major inspector geral dos incendios, os voluntarios de fora que ainda se achavam n'esta cidade, algumas praças graduadas da corporação dos bombeiros municipaes e grande concurso de povo, vendo-se as janellas da casa da associação e das que lhe ficam fronteiras guarnecidas de senhoras.

O exercicio acabou cerca das 7 horas da tarde.

DIA 29

Pelo meio dia foi aberto o bazar de prendas precedendo um discurso breve do snr. Guilherme Gomes Fernandes agradecendo aos portuenses a protecção que tem dispensado á associação dos bombeiros volunta-

rios, e levantando vivas a el-rei, rainha, familia real e á cidade do Porto, vivas que foram correspondidos com-entusiasmo.

O basar como já por vezes temos dicto conta um sem numero de prendas muitas das quaes valiosissimas. Sem quereremos depreciar as de somenos valor relativo especificaremos com tudo, as prendas de S. M. El-Rei presidente honorario da Associação—um primoroso tinteiro de prata, a do sr. cardeal—uma delicada faca do mesmo metal para cortar papel, a da sr.^a D. Leonor Pereira—um inexcédível trabalho em cêra representando um jantar para seis pessoas, umas elegantes serpentinas de electro offerta dos srs. Rawes & C.^o, como agentes da Companhia Nerwich Union, etc. Importantissima é tambem a collecção de objectos d'ouro e prata com que concorreram todas as casas manufactureras d'esta cidade. Emfim todas as industrias e todas as artes se prestaram a dar publico testemunho do apreço em que tem a associação dos bombeiros voluntarios.

Em trabalhos de senhoras é em verdade surprehente o que vimos. Ha prendas que a um finissimo e delicado gosto na sua confecção reúnem um valor real. É assim que tem sido elevadissimas as ofertas feitas em leilão.

Os objectos e prendas offerecidas estão expostas em *vitrines* ao longo da nave central e apesar de serem já decorridos tres dias de leilão em nada se nota a falta das prendas vendidas, tal é o seu numero.

O tinteiro de S. M. El-rei foi arrematado por 75\$000 reis pela corporação dos bombeiros auxiliares voluntarios e offerecido á Associação, e igual destino tem sido dado a muitos objectos arrematados por dedicados socios sobre-sahindo entre elles um primoroso retrato de S. M. El-Rei, obra do pintor Nunes, que arrematado pelo sr. Albano Palhares foi incontinentemente offerecido para a secretaria.

E já que fallamos em quadros vem a proposito citarmos um retrato de Victor Hugo copia d'uma photographia pelo distincto professor Francisco José de Rezende, e um mimoso trabalho de sua talentosa filha, *Longe da patria*.

A casa Ventura enviou tambem para o bazar, e foi arrematado por 16\$500 réis, uma meza com um *lunch*, contendo um excellente fiambre, pudins gelados, vitella fria, vinhos de Porto, Madeira e Champagne.

E para tudo haver via-se á entrada da nave um barco com as suas velas e pertences.

O basar tem sido immensamente concorrido. O producto do leilão até hoje eleva-se já á importante cifra de 1:534\$000 réis, sendo no dia 29, 876\$820; no dia 30, 322\$320 e no dia 31, 334\$860 réis.

Pelo que deixamos dicto pôde avaliar-se a importancia das festas com que solemnizou o seu primeiro lustro a Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto.

Podem os seus membros ufanar-se de que nunca se erguera n'esta cidade aggreiação alguma que seja mais sympathica e mais bem recebida pelo publico, que não se cança de lhes patentear o quanto aprecia e avalia os seus desinteressados trabalhos.

DISCURSO

PRONUNCIADO PELO REV.º

FRANCISCO JOSÉ PATRÍCIO

POR OCCASIÃO DA SESSÃO SOLEMNE
 COMMEMORATIVA DO
 PRIMEIRO LUSTRO DA INSTITUIÇÃO DA REAL
 ASSOCIAÇÃO HUMANITARIA
 BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO
 EM 25 DE AGOSTO DE 1880

Minhas senhoras e senhores:

Ainda hontem recordava esta cidade um dos seus mais gloriosos feitos e já hoje tem outro motivo para clamar com enthusismo e saudar uma nova data.

É feliz a consciencia nacional quando tem tanto que memorar!

Hontem recordava o Porto a memoravel revolução de 1820, esse brado energico d'um povo que esmaga as tyrannias do passado e ergue a frente, orgulhosa, para os horisontes do futuro; essa revolução que foi a mais fraternal união dos portuguezes que desejavam implantar na patria e sustentar invicto o estandarte da nossa emancipação liberal: essa revolução que é a alvorada esplendida d'uma ideia civilisadora e a asseveração gloriosa dos brios d'um povo que tem a consciencia dos seus direitos e por elles quer ser independente, livre! Hoje vem o Porto commemorar festivamente a iniciação proveitosa d'esta associação prestantissima.

Coincidencia notavel! Vede como estão juntos nas datas dois principios que tambem se confraternisam e completam: a liberdade e a associação. Hontem um hymno á liberdade, hoje um hossana á associação!

A liberdade é o fôco e a associação é o reverbero, a liberdade é a flor e a associação é o fructo, a liberdade é a causa e a associação é o effeito, a liberdade é a asseveração pratica dos nossos direitos e a associação é a reunião methodica das nossas forças, a liberdade é, n'uma palavra, o sol da civilisação e a associação é o fraternal amplexo d'uma familia d'irmãos! (applausos)

Senhores:

O homem não pôde viver isolado; a debilidade da sua natureza e a inclemencia dos elementos alquebrar-lhe-hiam o vigor e gastar-lhe-hiam mais depressa as forças e a vida.

O animal ainda pôde viver isolado porque a sua vida tem um só fim e elle está organizado para elle e facilmente o realisa na sua limitada e reduzida esphera.

Mas a vida que satisfaz a aguia que vive nos penhascos e o leão que percorre os desertos, não pôde igualmente satisfazer o homem que, embora esteja preso á terra pelas leis da attracção, tem no espirito as azas para se elevar a outros horisontes aonde a luz é mais pura e a alma parece que se dilata.

A riqueza do seu ser, a estrutura do seu corpo e o vasto espaço aberto á sua insaciavel e devoradora

actividade: a sua inclinação para subir de esphera em esphera e abraçar dentro em si mesmo o que é limitado e contingente: tudo isto obriga o homem a realisar o bem, a cumprir os fins da sua existencia e a unir-se aos seus semelhantes para encontrar em seus corações amor que o justifique e engrandeça o seu sentimento, forças que augmentem a sua vontade e ideias que allumiem a sua consciencia. Tal é a origem do associação!

A primeira, a grande associação é o estado aonde o homem realisa o direito; depois as outras manifestações da actividade humana lá vão buscando os meios de melhor realisarem os seus fins; assim o homem busca pelas associações agricolas desentranhar do seio da natureza os seus uberrimos thesouros, pelas associações commerciaes reúne o capital para os grandes empreendimentos, pelas associações industriaes multiplica as suas forças para realisar as grandes obras, pelas associações artisticas completa a sensibilidade reclinando-se nas azas da inspiração para se erguer ao céu do bello, pelas associações scientificas desenvolve a sua razão e illustra o seu espirito e finalmente pelas associações humanitarias, dilata as forças do seu coração e estende a onda dos seus affectos pelo exercicio d'essa virtude sublime que o Homem-Deus implantou sobre a terra e chamou-lhe—Caridade.

Meus senhores:

Houve um dia, isto foi no tempo em que os animaes fallavam, (riso) houve um dia em que o leão, revendo-se no sereno espelho d'um lago, disse:—Eu sou o filho predilecto da terra. Parece que o fogo me gerou e o calor me sustenta. A minha vida é respirar o ar da liberdade, percorrer os desertos cravando as unhas nas incendiadas aréas. Domino pela magestade da minha apostura sempre altiva, sacudo as minhas aureas crinas tão formosas e luzidias que parecem os raios do sol, exhalo das minhas ventas um sopro abrazador, fôrmo com a minha cauda flexivel uma corôa que parece d'oiro, com um dos meus rugidos attrouo os bosques e imitto a voz do trovão no concerto da tempestade.

A aguia veio logo reclamar. (riso) Eu sim, eu é que me posso dizer a senhora de toda a terra e a sua filha querida! Levanto-me até aos mais sobranceiros penhascos e sorrio-me da furia dos vendavaes. Inter-no-me no anilado dos ceos e lá n'essas incommensuraveis solidões, fito em cheio os resplendores do sol; olho para a terra e os bosques parecem-me umas folhas que o vento arrancou no outomno, o mar parece-me uma gota d'agua perdida no espaço, e as montanhas parecem-me o pó que levantei com o erguer do meu vôo.

Tu leão, dominarás a terra; mas a minha realesa é maior porque domino os espaços.

Mas, direis agora vós, meus senhores—a que veio aqui essa historia do leão e da aguia? (riso)

Foi para melhor definir o que é esta Real Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto. As forças e o denodo com que os filhos d'esta associação travam renhida lueta com o mais temeroso dos elementos só tem um simile na força do leão. As aspirações humanitarias dos que por meio d'esta associação tantos serviços prestam, tantas lagrimas enchugam e a tantos afflictos accodem; estas aspirações immensas e altamente generosas só podem ser comparadas aos arrojados vôos da aguia! (applausos)

Celebremos pois cheios de enthusismo esta data

memoravel que o acaso veio collocar junta aquella que nos recordava a gloriosa emancipação liberal operada em 1820. A liberdade e a associação estão hoje aqui consorciadas. A liberdade tem duas manifestações distinctas—o pensamento e a acção—o pensamento da liberdade é a associação!

Eia pois, valorosos filhos d'esta associação, romeiros do progresso, soldados da grande crusada do bem:—proseguí sempre animados pela estrada que vos trahou o vosso generoso coração; aguarda-vos no futuro o templo da civilisação que terá por alicerces o trabalho, por columnas o esforço, por cupula a dedicação, por fecho o sacrificio. Caminhai até lhe collocardes em cima o estandarte das Quinas que reúne as manifestações de trez principios que são indestructiveis porque são as nossas crenças, os nossos enthusiasmos, os nossos amores,—a religião, a liberdade e a patria. (prolongados applausos)

Porto, 25 d'agosto de 1880.

Padre F. J. Patricio.

Bombeiros Municipaes do Porto

Em data de 23 do passado foi publicado a seguinte ordem de inspecção geral dos incendios.

«Desde hoje, 23, e mais dias 25, 29 e 31 do corrente, tem exercicios todos os bombeiros pertencentes á 2.ª brigada, e hem assim a respectiva esquadra de serventes.

Nos dias 24, 26, 28 e 30, tem exercicios todos os bombeiros, isto é patrões e aspirantes, e a 1.ª esquadra de serventes que compõe a 1.ª brigada.

Principiando o mez de setembro, os exercicios serão pela ordem que se segue com o respectivo material e guarnições completas:

A guarnição n.º 1 tem exercicio nos dias 3, 9, 11, 13, 17 e 21. — Guarnição n.º 2, nos dias 2, 10, 12, 14, 22 e 30. — Guarnição n.º 3, nos dias 3, 5, 11, 13, 15, e 21. — Guarnição n.º 4, nos dias 3, 5, 7, 13, 15 e 17. — Guarnição n.º 5, nos dias 2, 4, 12, 14, 16 e 23. — Guarnição n.º 6, nos dias 2, 4, 6, 14, 16 e 18. — Guarnição n.º 7, nos dias 4, 6, 8, 16, 18 e 20. — Guarnição n.º 8, nos dias 6, 8, 10, 18, 20 e 22. — Guarnição n.º 9, nos dias 5, 7, 9, 15, 17 e 19. — Guarnição n.º 10, nos dias 7, 9, 11, 17, 19 e 21. — Guarnição n.º 11, nos dias 8, 10, 12, 20 e 23.

Carro n.º 1 tem exercicio nos dias 2, 6, 8, 10, 14, 18 e 22. — Carro n.º 2, nos dias 3, 7, 11, 15 e 19. — Carro n.º 3, nos dias 4, 8, 12, 16, 20 e 23. — n.º 4 nos dias 5, 9, 13, 17 e 21.

Todos estes exercicios devem começar ao nascer o dia, durando tres horas de serviço, e serão commandados pelos srs. ajudantes e todas as manobras são feitas na escola em S. Lazaro, ou na Foz, sendo esta ordem dada 48 horas antes, para prevenção do serviço.

Todo o bombeiro que faltar a um exercicio sem motivo justificado, é rigorosamente punido, podendo obter licença, mas só com 24 horas de antecipação.

Além d'estes exercicios, todas as guarnições de bombas e carros tem manobras todos os dias em local e hora designada pelos respectivos patrões, e por elles dirigidas.

O Camões

Recebemos o primeiro numero d'este semanario popular illustrado que se apresenta muito digno da protecção do publico como se poderá ver pelo seguinte summario:

Texto: Arte antiga e moderna—Os Cavalheiros do amor (romance historico) O centenário de Camões, pela princeza Rattazzi—A sésta (poesia) por Ernesto Rebello—As cruzadas, por J. da Silva—Ao redor do mundo sem sahir de casa—Bombaim, por Heitor de Mello—De madrugada (poesia) por Henrique d'Avellar—A mulher, excerpto, pelo visconde de Castilho—Canção de Mignon (poesia) por Frei João da Cruz—O homem que não pôde casar—Charada, por Julia Lisse—Zig-Zags—O glutão do norte—Prospecto.

Illustrações: Uma igreja gothica moderna—Um chefe de cruzados—Bombaim—O glutão do norte.

Jornal de Viagens

Publicou-se o n.º 66. Eis o seu summario:

Texto: Digressões e phantasias: Uma terrivel aventura.—Viagem ás cidades do Mediterraneo: Malaga.—Aventuras de terra e mar: Aventuras d'um garoto parisiense—Pelas regiões longinquoas: Um rei do extremo Oriente—Pelas regiões longinquoas: De Caienne aos Andes pelo Oyapock, Jary, Perú, Amazonas e Iça, voltando pelo Japura—Estudos geographicos: O Globo—Catalogo dos escriptores portuguezes que tratam das nossas descobertas e conquistas na Africa, Asia e America—Madagascar.

Chronica: João Bart e Luiz XIV.

Illustrações: Digressões e phantasias: Uma terrivel aventura—Um rei do extremo Oriente: O rei atirava sobre elle com ballas d'uma arma Remington—João Bart e Luiz XVI: Fez V. Magestade muito bem.

Revista Quinzenal

Correram magestosas as festas commemorativas do quinto anniversario da real associação humanitaria «Bombeiros Voluntarios». Esta sympathica aggremação recebeu a prova mais eloquente do apreço em que é tida pela sociedade portuense.

A descripção das festas em outro lugar a damos. Entretanto, seja-nos permitido saudar mais uma vez a corporação benemerita, com a sinceridade de quem não consente lisonjas, nem tolera fingimentos—saudamos a nobre associação, por que é dever de todos saudar quem, tam desinteressadamente, nos guarda e nos defende a propriedade.

Entremos no theatro, e digamos da peça que ultimamente mais tem chamado a attenção do publico.

O theatro Principe Real deu-nos duas novidades—uma mulher e uma opereta—ambas tentadoras, em verdade.

Irene Manzoni é uma guapa italiana, alta, aprumada, d'um talhe esbelto, corpulenta, ... e bonita. Diz-nos uma biographia imprudentemente escripta no *Contemporaneo*, que Manzoni tem 40 e tantos annos. Não importa; a imprudencia do biographo não empanou a mocidade da biographada. Manzoni, apesar dos seus 40 e tantos, está em plena primavera, cheia de tentação irresistivel dos annos em que se idealisa e sonha constantemente. Que importa que o tempo passasse, se a deixou com toda a belleza dos seus annos de creança?... O tempo passou, e tam rapidamente, que nem occasião teve para a maltractar!

Quando lemos o *Contemporaneo*, tivemos medo. Assustou-nos ter de ouvir *uma velha* a cantar; pareciamos que isso seria horroroso, medonho, incommodativo.

Emfim, tivemos medo, e cremos que com justificadissimos motivos.

Apezar, porém, de conhecermos a certidão d'idade da sr.^a Manzoni, fomos ao theatro, e quando a vimos, sentimos um estremecimento geral. Não quizemos acreditar no que viamos: esfregamos os olhos, fechamol-os por momentos, para depois os fixar bem em cheio, e a mesma visão, a mesma mulher fresca, bonita, tentadora.

Perguntamos então ao visinho da direita, muito respeitosa—Diga-me, esta é que é a Manzoni?...

—O homem olhou para mim, um tanto assarapantado, e respondeu bruscamente:

—Está visto que é, homem; então não a ouve cantar?...

Confessamo-nos vencidos; se a não conhecessemos pela cara, deviamol-a conhecer pela voz.

E depois de breves momentos de reflexão, ficamos pensando com o nosso padre Antonio Vieira—Ha velhos que parecem meninos, e meninos que parecem velhos.

Não queremos, porém, chamar velha á sr.^a Manzoni. Deus nos livre de tal. Ella é uma das creaturas privilegiadas que, ao contrario de todas as mulheres, pôde dizer quantos annos tem, que ninguem certamente a acredita.

Encarada plasticamente, digamos da esthetica da tentadora filha da grande rainha do Adriatico.

Manzoni sabe cantar, tem voz e arte, o que é muito. A sua voz, além de extensa, é clara, sonora, maleavel, as notas sabem-lhe com muita pureza, e sabe tirar, cantando, o partido que lh'o proporciona a letra.

Como actriz possui excellentes recursos; sublinha com intenção, dá vida ás palavras, e tem uns gestos

desempedidos e francos que não são vulgares em artistas de opera comica.

A sua pronuncia italiana não a prejudica, muitas vezes até a favorece, dá-lhe graça.

Emfim, Manzoni é uma excellente artista, digna dos applausos, e nós só temos a felicitar a empresa do Principe Real por a haver escripturado.

Manzoni *debutou* na graciosa opera comica de Offenbach—*A Perichole*, que nós ahi vimos maltratar desapidadamente por a companhia franceza de que fazia parte a sr.^a Preciozi, uma *cocotte* donairosa, que repetia cá por fóra uma gaiata cançoneta que um dia cantou no palco—*En voulez-vous?*... Muitos quizeram... com grande sacrificio das suas algibeiras.

A *Perichole* é uma opereta engraçada, como todas as de Meilhac e Halevy, e a musica, leve, travessa, facil, uma encantadora musica que se insinua promptamente no ouvido, e que a gente depois trautea satisfeito.

A execucao d'esta opera comica foi mais que regular.

Manzoni houve-se excellentemente; representou e cantou com intelligencia, obtendo os applausos sinceros a que tinha direito.

Secundou-a o tenor Wannimely que se portou com muita regularidade no seu papel de Piquillo, cantando alguns trechos de modo a ser applaudido.

Gama, deu um vice-rei magnifico, original, deveras burlesco, um rei de comedia, emfim; Foito apresentou um bom typo, difficil de sustentar com egualdade, e que sustentou perfeitamente. Diniz, Firmiuo, Abel, Santos secundaram os seus collegas no desempenho dos seus pequenos papeis.

Amelia Garrajo, uma actriz de merecimento superior, tem n'esta peça um papel insignificantissimo, que ella faz valer muito.

Os côros, bons, a orchestra, boa, e o guarda roupa, bom. Somma.—Muito bom tudo, sem favor.

A opereta tem agradado, e continuará a agradar, porque produções d'este genero nunca enfastiam.

No theatro Baquet realisou-se o spectaculo generosamente dado pela benemerita sociedade de amadores «Beneficencia» em favor do cofre do Centro Artistico Portuense, uma sympathica agremiação, d'um largo futuro, pelos bons serviços que dispensará ao estudo das bellas-artes.

Representou-se a comedia-drama *Laços Perigosos*, versão do nosso collega do *Commercio do Porto*, o sr. Manoel Maria Rodrigues.

A execucao foi regular, sendo todos os amadores chamados ao proscenio, cobertos de applausos e mimo-seados com diversos brindes.

Nos intervallos distribuiram-se poesias dos srs. Manoel Duarte d'Almeida e Maximiano Lemos Junior.

Os versos de Manoel Duarte são opulentos de originalidade e concepção.

O theatro estava decorado, tocando no atrio uma banda marcial.

Porto—1880.

Nihil.